

***Ideologia e contraideologia: temas e variações, de Alfredo Bosi*¹ – A dialética da resistência**

DÉBORA LEITE DAVID
Universidade de São Paulo (São Paulo, Brasil)

Percurtando a definição do termo ideologia entre os manuais e dicionários, constatamos a sua problemática significação e múltipla perspectiva. Em uma perspectiva neutra, ideologia seria o sinônimo de ideário, ou seja, de conjunto de ideias, de pensamentos, de doutrinas ou de visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, com determinada orientação social e/ou política. Outra perspectiva possível para o termo ideologia seria sob uma concepção crítica, em que aquele é considerado um instrumento de dominação pela persuasão, alienando a consciência humana. Sobre esta concepção crítica, numerosos pensadores se debruçaram para compreender e explicar determinado contexto sócio-histórico-político. Para alguns, como Karl Marx e os pensadores da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, a ideologia age mascarando a realidade. Assim, a ideologia seria uma ideia, discurso ou ação que disfarça um objeto, ressaltando somente aquilo que se deseja, ocultando suas demais características. Para outros como John B. Thompson, a ideologia poderia ser tomada criticamente no tocante ao aspecto das relações de dominação, afastando-se o caráter de ilusão ou de falsa consciência.

O primeiro registro que se tem do termo ideologia ocorre em francês no final do século XVIII, no contexto da Revolução Francesa. É a partir do nascimento da palavra ideologia e o conseqüente surgimento de diferentes significados que lhe foram atribuídos desde então, que Alfredo Bosi empreende a investigação em sua mais recente publicação *Ideologia e contraideologia: temas e variações*, pela Editora Companhia das Letras em 2010. Com a epígrafe de Elias Canetti (*A província do homem*), “O mais difícil é redescobrir

1. BOSI, Alfredo. *Ideologia e contraideologia: temas e variações*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

sempre o que já se sabe”, Alfredo Bosi apresenta uma hipótese semântica à sua proposição investigativa, qual seja, a de supor a existência de uma esfera de significado comum aos vários conceitos que já se propuseram para definir o termo ideologia. Através de uma ideia de condição, a ideologia será sempre relativizada, tendo em vista que representa um modo de pensamento condicionado. Uma hipótese, a princípio, flexível, muito embora possa endurecer ao transpor a fronteira que a separa de um pensamento determinista.

Lembramos que a origem do termo ocorreu com Antoine-Louis-Claude Destutt, o conde De Tracy (1754-1836), filósofo e soldado francês que utilizou a palavra *idéologie*, atribuindo-lhe o significado de ciência das ideias. Posteriormente, o termo ideologia ganharia um novo sentido quando Napoleão chamou De Tracy e seus seguidores de “ideólogos” no sentido de “deformadores da realidade”. De Tracy pretendia esta ciência para tratar as ideias como fenômenos naturais. Estas traduziriam a relação entre o homem e o seu meio. Desta forma, o estudo da ideologia serviria para o conhecimento da natureza humana.

Percorrendo as teorizações de numerosos pensadores como Terry Eagleton, Karl Marx, Friedrich Engels, Karl Mannheim e John B. Thompson, Alfredo Bosi historiciza o termo ideologia e suas projeções ao longo do tempo, demonstrando como as construções de ideias e de valores estão intimamente ligadas às situações sociais e culturais objetivas. Neste passo, expõe um núcleo das diferentes perspectivas encontradas na conturbada história do conceito de ideologia. Hipótese que pode ser confrontada por sua versão negativa, em que a inteligência estivesse imune às contingências do seu meio, e por isso, distante da possibilidade de uma falsa percepção ou da manipulação do conhecimento, características tantas vezes apontadas em correspondência à ideologia. Na primeira parte da publicação, intitulada “Parte I: Perfis e momentos de um conceito”, Bosi retoma as mais remotas origens do sentido do termo ideologia referindo-se à possibilidade de erro como engano ou distorção da verdade por força dos próprios interesses para ilusão dos sentidos, constante na história do pensamento ocidental desde Platão.

Ao abordar este tema clássico e a um mesmo tempo polêmico, Alfredo Bosi inova ao enfatizar também a sua contrapartida, explorando a contraideologia e a utopia, cotejando sempre os fatos históricos e culturais europeus desde os tempos medievais até a realidade brasileira. Retomando o que chama de “pré-história” do conceito de ideologia, o autor parte do Renascimento,

quando se intensificaram os contatos entre diferentes culturas pela empresa da expansão marítima e, por conseguinte, pela propulsão de uma ideologia dominante. Neste viés são apresentadas as correntes de uma crítica social praticada pelos pensadores deste período como, por exemplo, Montaigne, explorando em seus ensaios outros modos de vida não ocidental, ou ainda Morus e Campanella com as suas utopias, que produziram ecos da descoberta dessa alteridade em novos espaços, destacando que a imaginação utópica alimentou a primeira contraideologia sistemática dos tempos modernos.

Ainda percorrendo sobre esta “pré-história” do conceito de ideologia e também no seu desenvolvimento ao longo da História, o autor aponta a diferença entre duas vertentes que se confundem. A primeira seria o pensamento hegemônico, sempre falso, que exige crítica e desmistificação. A segunda, por sua vez, refere-se a esse mesmo pensamento dominante, que deve ser interpretado contextualizado em relações com os fatores que condicionam (físicos, sociais, históricos e culturais). Portanto, esta segunda vertente implicaria na historicização da ideologia.

O autor nos apresenta o paradigma contemporâneo da “primeira vertente”, radicalmente crítica, do conceito que se deu com a Ideologia Alemã de Marx e Engels, ao mesmo tempo em que aproxima a posição de Mannheim que se mostra como mais equilibrada e eventualmente mais contraideológica. Nesse mesmo passo em que se alternam momentos ideológicos e contraideológicos, encontram-se as colocações de outros pensadores como Max Weber, Lucien Goldmann, Giulio Carlo Argan e Paul Ricoeur. A religião também ocupa lugar de destaque nas reflexões de Alfredo Bosi, nos subcapítulos “Parêntese temerário: a religião como alienação ou como desalienação” e “Simone Weil: a inteligência libertadora e suas formas”. A partir da proposta de que a religião pode também exercer o importante papel de desalienação, Simone Weil surge como resistência à ocupação nazista na França, com a possibilidade de uma libertação da razão pela fé cristã radical. Em seu ensaio *L'engracement*, Weil deixa como legado contraideológico e utópico esta espécie de testamento intelectual e militante, em que denuncia as armadilhas do capitalismo ocidental e do estatismo soviético.

Na segunda parte do livro, intitulada “Intersecções Brasil/Ocidente”, o autor problematiza questões relativas à ideologia e à contraideologia que permeiam o conceito de desenvolvimento de Celso Furtado. A partir de uma

perspectiva positivista e evolucionista de progresso, o conceito de desenvolvimento foi ampliado e fortalecido durante as guerras mundiais, tornando-se o cerne do discurso econômico e político da segunda metade do século XX. Celso Furtado, então, apresenta a proposição de uma resistência ética ao que ele chamava de “falso neutralismo”. Desta resistência ética surge um conceito contraideológico de desenvolvimento, que destaca o interesse geral, em detrimento do interesse particular de uma classe que a ideologia naturaliza e racionaliza. Em “Lugares de encontro. Contraideologia e utopia na História da esquerda cristã”, o autor destaca a concepção do “catolicismo social” como teoria alternativa para o conceito de desenvolvimento, difundida no Brasil pelo Padre Lebrecht.

Outro contexto que o autor explora para refletir acerca da ideologia e contraideologia é o da coexistência pacífica entre o Liberalismo e a Escravidão como falso dilema. Retomando as perspectivas liberais desde o século XVII com John Locke e os terríveis capítulos da História Brasileira que antecederam a Abolição da Escravatura, destaca-se a figura de Joaquim Nabuco e sua obra em defesa do abolicionismo como contraideologia, em “Joaquim Nabuco, o ícone do novo liberalismo”. Contudo, o autor também situa o pensador brasileiro em razão da dimensão patriarcal e do saudosismo imobilizador que permeava o seu discurso abolicionista.

O livro termina com a “Passagem para a interpretação literária” que prepara o seu desfecho na análise do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* em “Um nó ideológico – sobre o enlace de perspectivas em Machado de Assis”. A partir da epígrafe de Theodor W. Adorno, “A grandeza única da obra de arte é deixar falar o que a ideologia esconde”, Alfredo Bosi problematiza a adesão a privilégios e preconceitos de classe na obra machadiana, revelando uma posição profunda e radicalmente contraideológica. Sobretudo, o reconhecimento de ao menos duas tendências de Machado de Assis, que ao longo de sua carreira intelectual defendeu primeiramente o liberalismo democrático cujo ápice se deu com as suas manifestações abolicionistas, e posteriormente, apresentando-se imerso em moralismo pessimista, que o distanciou de correntes como o republicanismo jacobino, do positivismo e do evolucionismo.

Enfim, Alfredo Bosi demonstra em seu novo livro que seus interesses intelectuais ainda se mantêm em uma linha de pensamento que produziu outras publicações como *Dialética da colonização* e *Literatura e resistência*, consolidando

uma crítica engajada à liberdade de pensamento, que persegue a desmistificação do pensamento hegemônico a serviço das elites dominadoras. Nesta obra de fôlego, *Ideologia e contraideologia*, o autor percorre seis séculos da História Ocidental, destacando momentos cruciais do embate intelectual em relação ao poder hegemônico, investigando a estrutura de numerosos discursos e suas particularidades culturais que ajudaram a construir o modelo da sociedade moderna, representando uma contrapartida dialética da resistência ao dogmatismo e à intolerância.

Recebido em 02 de setembro e aprovado em 05 de outubro de 2010.